



UM MAPEAMENTO PRELIMINAR DAS AVALIAÇÕES EXTERNAS DA ALFABETIZAÇÃO NOS ESTADOS BRASILEIROS

Dhietelly Morghana Almeida Santos - UFRGS - dhietellya@gmail.com¹

Renata Sperrhake - UFRGS - renata.sperrhake@gmail.com²

1. Introdução

Os resultados preliminares apresentados neste texto decorrem de pesquisa desenvolvida em Trabalho de Curso de Pedagogia por uma das autoras. Tal trabalho, por sua vez, está inserido em uma pesquisa mais ampla chamada “Práticas Avaliativas da Alfabetização: avaliações internas e externas e o acompanhamento da aprendizagem da leitura e da escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenada pela professora Renata Sperrhake.

Tendo como objetivos 1) mapear e analisar avaliações externas da alfabetização desenvolvidas pelos governos estaduais brasileiros e 2) mapear elementos que apontam para um tipo de alfabetização que é produzida discursivamente e representada nas avaliações externas estaduais, realiza-se a análise de 11 matrizes de referência de Língua Portuguesa de avaliações estaduais, o que constitui a empiria deste trabalho. As matrizes de referência têm como objetivo organizar e selecionar alguns dos conhecimentos desejáveis para cada ano escolar e que são possíveis de serem medidos através de testes padronizados.

Com as lentes teóricas dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Foucaultianos, empreende-se uma análise discursiva para compreender algumas das habilidades que são privilegiadas por estas avaliações.

Torna-se oportuno apresentar o conceito de avaliações externas em larga escala no qual nos ancoramos. Flávia Werle (2010) considera que as avaliações em larga escala podem ser entendidas como

¹ Licencianda em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Iniciação Científica BIC/UFRGS.

² Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS). Docente da Faculdade de Educação, no Departamento de Ensino e Currículo, na área de Didática dos Anos Iniciais, leitura e escrita e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

[...] um procedimento amplo e extensivo, envolvendo diferentes modalidades de avaliação, realizado por agências reconhecidas pela especialização técnica em testes e medidas, abrangendo um sistema de ensino, ou seja, todas as escolas de um determinado nível ou série deste sistema, mesmo que utilizando procedimentos amostrais, na maior parte das vezes voltada predominantemente para o foco da aprendizagem dos alunos e com a finalidade de obter resultados generalizáveis ao sistema (WERLE, 2010, p. 22).

Desse modo, percebemos que as avaliações externas “se caracterizam por serem planejadas, implementadas, e seus dados serem interpretados e divulgados por agências externas” (WERLE, 2010, p 24). Além disso, convém também destacar outra especificidade desse tipo de avaliação, que se difere das avaliações realizadas pelas professoras em sala de aula: “Nelas o objeto de avaliação são os sistemas escolares, as escolas, as redes de escolas de diferentes mantenedoras, e estão em consideração os resultados da aprendizagem, não os processos de aprendizagem, os recursos disponíveis e as condições de trabalho dos professores (WERLE, 2010, p 24). Quanto a sua abrangência, as avaliações externas podem ser de larga escala, ou seja, contemplado a totalidade, ou grande parte, os estudantes de uma determinada série ou ano de escolarização, ou podem ser amostrais, contemplando uma amostra dessa população.

As avaliações externas podem ser divididas em três planos de segmentação: iniciativas no âmbito federal, estadual e municipal (WERLE, 2010). Esta pesquisa terá como foco as avaliações aplicadas em âmbito estadual. Além disso, este trabalho terá como recorte as avaliações externas da alfabetização, considerando como tais aquelas que tenham como público-alvo alunos do 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Fundamental, tendo como referência o Ciclo de Alfabetização (BRASIL, 2012).

2. Referenciais e movimentos teórico-metodológicos

Wortmann, Santos e Ripoll (2019) apontam a produtividade e a pertinência acadêmica dos Estudos Culturais ao retomarem um destaque feito por Beatriz Resende (2004), com relação “[...] à provisoriedade e à abertura que esses estudos oferecem para lidar com as muitas dúvidas que assolam esse conturbado início de século XXI” (WORTMANN; SANTOS; RIPOLL, 2019, p. 10). A produtividade dos Estudos Culturais se expande para diversas áreas



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

de pesquisa, das quais faz-se um destaque, neste texto, à área da educação. É por volta do ano de 1990 que os Estudos Culturais vão se introduzindo no campo educacional através do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (WORTMANN; SANTOS; RIPOLL, 2019), funcionando como importante ferramenta que auxilia na problematização do presente no que diz respeito às questões educacionais. Compreendendo essa produtividade dos Estudos Culturais para a educação e, especialmente neste caso, para analisar as avaliações externas da alfabetização, nos valemos desta perspectiva “[...] como matriz de inteligibilidade para o desenvolvimento [...]” (WORTMANN; SANTOS; RIPOLL, 2019, p. 14) de nossas análises.

Aliamos às lentes teóricas dos Estudos Culturais em Educação os Estudos Foucaultianos, utilizando-nos de elementos da análise do discurso foucaultiana, tomando o material empírico em sua superfície, entendendo que “[...] nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos” (FISCHER, 2001, p. 198). Ao analisar o material empírico, buscamos investigar as coisas ditas com maior e menor frequência e também a produtividade discursiva desses materiais. Nessa perspectiva, os discursos podem ser entendidos como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Além do conceito de discurso, também o conceito de representação mostra-se produtivo para o desenvolvimento desta investigação na medida em que compreendemos representação “[...] unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material” (SILVA, 2000, p.90). Tendo esse entendimento, próprio do registro pós-estruturalista, a representação “[...] não é, nessa concepção, nunca, representação mental ou interior. A representação é, aqui, sempre marca ou traço visível, exterior” (SILVA, 2000, p. 90). A representação é, portanto, uma forma de atribuição, construção e circulação de sentidos, estando permeada por relações de poder. Nesse sentido, intentamos traçar algumas marcas da alfabetização, visibilizadas nas matrizes de referência das avaliações externas estaduais, para compreender de que maneira ela vem sendo representada nessa empiria e quais sentidos são a ela atribuídos.



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

3. Análises

Encaminhando-nos para as análises, é oportuno fazer uma breve retomada dos objetivos deste trabalho: 1) mapear e analisar avaliações externas da alfabetização desenvolvidas pelos governos estaduais brasileiros e; 2) mapear elementos que apontam para um tipo de alfabetização que é produzida discursivamente e representada nas avaliações externas estaduais. Para alcançar esses dois objetivos, foram realizados dois movimentos metodológicos diferentes.

O primeiro movimento metodológico realizado foi o mapeamento de avaliações externas estaduais da alfabetização realizadas no país até 2022. Essa busca foi feita através de *websites* das Secretarias de Educação Estaduais e nos ambientes virtuais do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF)³. Partindo do primeiro movimento metodológico, localizamos 19 registros de sistemas que aplicavam avaliações externas com foco na alfabetização, os quais citamos a seguir: 1) Sistema Estadual de Avaliação da Aprendizagem Escolar (SEAPE); 2) Sistema de Avaliação Educacional de Alagoas (SAVEAL); 3) Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Amapá (SisPAEAP); 4) Sistema de Avaliação do Desempenho Educacional do Amazonas (Sadeam); 5) Avaliação Externa da Alfabetização (Avalie Alfa); 6) Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará - SPAECE-Alfa; 7) Sistema Permanente de Avaliação Educacional da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SIPAEDF); 8) Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo – Alfabetização (Paebes Alfa); 9) Sistema de Avaliação Educacional do Estado de Goiás (SAEGO); 10) Sistema Estadual de Avaliação do Maranhão (SEAMA); 11) Programa Alfabetiza MT; 12) Sistema de Avaliação da Educação da Rede Pública de Mato Grosso do Sul (SAEMS); 13) Programa de Avaliação da Alfabetização (PROALFA); 14) Pacto pela Aprendizagem na Paraíba; 15) Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco (SAEPE); 16) Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (SAERS); 17) Sistema de Avaliação Educacional de Rondônia (SAERO); 18) Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp)

³ Informações sobre o CAEd podem ser encontradas em: <https://institucional.caeddigital.net>.

e; 19) Sistema de Avaliação da Educação Básica de Sergipe (Saese). O mapa a seguir (Figura 1) ilustra os resultados encontrados.

Figura 1 - Mapa com as avaliações externas estaduais da alfabetização



Fonte: elaborado pelas autoras

O segundo movimento metodológico ocorreu por meio da compilação e posterior análise das matrizes de referência de avaliações externas estaduais da alfabetização vigentes em 2022, tendo como lente analítica o referencial teórico-metodológico assumido nesta pesquisa. Dos 19 sistemas mapeados, 14 permaneciam avaliando a alfabetização em 2022. Ressalta-se que, em virtude dos limites de acesso à informação de alguns estados, foi possível acessar as matrizes de referência de apenas 9 sistemas de avaliação. Finalmente, nesta pesquisa, teve-se acesso à 11 matrizes de referências, visto que um dos 9 sistemas analisados possui 3 matrizes de referência, pois avalia longitudinalmente os três primeiros anos do Ensino Fundamental. O quadro a seguir sintetiza esses resultados (Quadro 1):

Quadro 1 - Síntese do mapeamento

Mapeamento	Quantidade de registros localizados
Sistemas ativos em 2022	14
Sistemas ativos em 2022 com matriz de referência disponível para acesso	9
Total de matrizes de referência obtidas	11

Fonte: elaborado pelas autoras

As análises decorrentes do segundo movimento metodológico estão organizadas em três eixos: 1) a presença/ausência da produção escrita nas matrizes de referência; 2) presença/ausência de habilidades de consciência fonológica nas matrizes de referência e; 3) presença/ausência das letras do alfabeto como conhecimento importante para a alfabetização.

O primeiro eixo analítico aponta que os testes aplicados em larga escala e que têm como foco os conhecimentos em alfabetização, privilegiam habilidades de leitura, visto que dos nove sistemas analisados por esta pesquisa, apenas três deles buscavam aferir conhecimentos de produção escrita. Em vista desse dado, é possível lançar a hipótese de que este apagamento da escrita perpassa por relações de poder que fluem pelos próprios instrumentos utilizados por esta modalidade de avaliação: testes padronizados. A correção de testes que avaliam somente habilidades leitoras possui um menor grau de complexidade, uma vez que essas provas geralmente são corrigidas por meio da leitura óptica de cartões-resposta. Enquanto isso, quando um sistema se propõe a também avaliar conhecimentos de produção escrita, a correção das provas torna-se mais complexa, dado que para esse tipo de correção é necessária uma grande quantidade de profissionais devidamente treinados para considerar, interpretar e categorizar as diferentes hipóteses de escrita infantil de uma enorme quantidade de sujeitos. Devido a essa



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS

complexidade, a opção por avaliar a escrita em testes aplicados em larga escala pode tornar-se menos frequente.

Outra abordagem que também podemos suscitar para esta mesma questão é considerar os estudos produzidos por Magda Soares (2020), nos quais a autora argumenta sobre a complexidade da escrita com relação à leitura. Nas palavras da autora:

[...] as relações fonema-grafema na ortografia do português não são sempre regulares: um mesmo fonema pode ter mais de uma representação gráfica, o que oferece à criança opções para a escrita, que podem levar à uma escolha inadequada. Na leitura, em que a palavra está dada, a criança não enfrenta opções. (SOARES, 2020, p. 196).

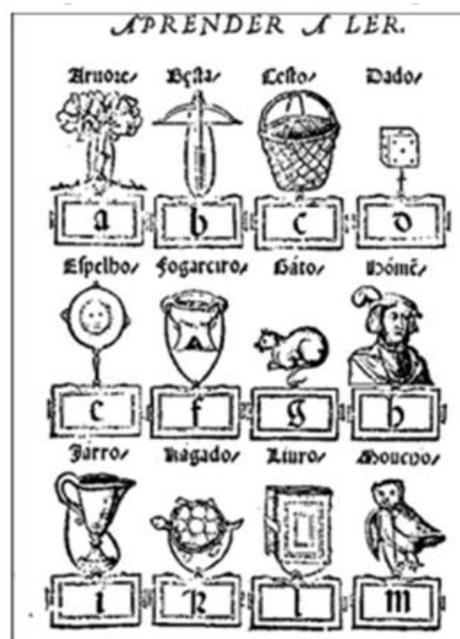
Este argumento é também corroborado por Rocha e Fontes-Martins (2014), que asseveram, ancoradas em diversos autores, que ler é um pré-requisito para escrever. Sendo assim, priorizar a aferição de habilidades de leitura nestes testes pode indicar que a consolidação da escrita exige a consolidação de habilidades de leitura. Nota-se, portanto, que há uma linha tênue entre as limitações do próprio instrumento e as relações entre habilidades de leitura e escrita. Considerando estes argumentos, é pertinente refletir, ainda, sobre outros possíveis motivos para a prioridade da avaliação da leitura. Ambas abordagens aqui tratadas, assim como outras, são possíveis de serem levadas em consideração, mas sem assumir que apenas uma ou outra é responsável pelo apagamento da escrita neste tipo de teste.

O segundo eixo analítico não pretende abordar profundamente questões de Consciência Fonológica (CF), mas mencionar brevemente alguns elementos localizados nas matrizes de referência que indicam que possivelmente a Consciência Fonológica está na ordem do discurso das avaliações externas estaduais da alfabetização. A literatura no campo da alfabetização aponta que as habilidades de CF são imprescindíveis para a alfabetização (PICCOLI; CAMINI, 2012; LAMPRECHT et al., 2012; SOARES, 2016, 2020; MORAIS, 2019). Esse discurso também aparece e toma forma nas matrizes de referência das avaliações externas estaduais da alfabetização, nas quais todas as 11 matrizes avaliam habilidades de Consciência Fonológica. O entrelaçamento entre a literatura produzida no campo da alfabetização e a recorrência observada de habilidades de CF nas matrizes de referência confirmam e reforçam que os

discursos sobre Consciência Fonológica circulam como verdadeiros em nossa época histórica, ou seja, que estão na ordem do discurso.

De modo a finalizar esta seção analítica, convidamos novamente Soares (2016) para compor esta escrita. Afirmar a autora que “o conhecimento das letras é, pois, componente fundamental da compreensão do princípio alfabético” (SOARES, 2016, p. 209). Apesar de esta afirmação ser recente, vemos que o reconhecimento das letras se configura como importante para a alfabetização há séculos. Apenas como forma de ilustração, tomemos como exemplo a “Cartinha para aprender a ler” produzida em 1539 por João de Barros, que, de acordo com Trindade, Mello e Silva (2015), trata-se do primeiro material impresso que objetivava o ensino da leitura em Portugal (Figura 2).

Figura 2: Parte do alfabeto da “Cartinha para aprender a ler” de João de Barros (1539)



Fonte: Buescu (1971).

Fonte: Trindade, Mello e Silva (2015, p. 834)

Nesse material, é possível ver o ensino das letras do alfabeto, no qual é feito um destaque à letra inicial de palavras. Esses conhecimentos se apresentam como uma permanência histórica que se atualiza nas matrizes de referência de avaliações externas



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

OUTROS MODOS
DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

estaduais da alfabetização em 2022, nas quais permanecem aparecendo habilidades como, por exemplo, identificar e reconhecer as letras do alfabeto. Esses elementos confirmam que o reconhecimento das letras é um saber importante para alfabetização e que também está na ordem do discurso, encontrando aparatos que possibilitam sua manutenção como um discurso verdadeiro historicamente.

4. Considerações Finais

São variados os elementos que podem contribuir para a produção de um tipo de alfabetização que circula neste tempo histórico através das avaliações externas estaduais da alfabetização. Nesta investigação, nos restringimos a apresentar apenas três dos possíveis elementos que produzem um tipo de alfabetização, representada nas matrizes de referência das avaliações externas estaduais destinadas aos estudantes em fase de alfabetização, os quais retomamos a seguir:

- 1) uma alfabetização em que é privilegiada a leitura e que confere pouca visibilidade às habilidades de escrita;
- 2) uma alfabetização em que é privilegiada habilidades de Consciência Fonológica;
- 3) uma alfabetização que historicamente considera importante o reconhecimento das letras do alfabeto.

Apresentamos estes três elementos sem desconsiderar a existência de outros que também contribuem para a produção discursiva de outros tipos de alfabetização representadas pelas avaliações externas e que podem ser alvo de análises futuras.

5. Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Currículo na alfabetização: concepções e princípios, ano 1, unidade 1. Brasília: MEC; SEB, 2012. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/obeducpacto/files/2019/08/Unidade-1.pdf>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.



OUTROS MODOS DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

LAMPRECHT, Regina Ritter et al. (org.). **Consciência dos sons da língua**: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização**: espaço, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra, 2012.

RESENDE, Beatriz. Estudos Literários, Estudos Nacionais, Estudos Culturais: reflexões em diálogo. **Revista Semear**, Rio de Janeiro, v. 10, 2004. Disponível em: http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/10Sem_08.html. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

ROCHA, Gladys; MARTINS, Raquel Fontes. A apropriação de habilidades de leitura e escrita na alfabetização: estudo exploratório de dados de uma avaliação externa. **Ensaio**: avaliação em políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 22, n. 85, p. 977-1000, out./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362014000400006>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

SOARES, Magda. **Alfalettrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

TRINDADE, Iole Maria Faviero; MELLO, Darlize Teixeira de; SILVA, Thaise da. A Atualização dos Primeiros Métodos de Alfabetização em Propostas Contemporâneas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 829-857, jul./set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623641516>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

OUTROS MODOS DE NARRAR O MUNDO

23 A 26 | MAIO | 2022



9º

SBECE

6º SIECE

SEMINÁRIO BRASILEIRO
DE ESTUDOS CULTURAIS
E EDUCAÇÃO

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS
CULTURAIS E EDUCAÇÃO

Promoção:



Programa de Pós-graduação
em Educação ULBRA



Programa de Pós-graduação
em Educação UFRGS

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Sistema de avaliação da educação básica no Brasil: abordagem por níveis de segmentação. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa (org.). **Avaliação em larga escala: foco na escola**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2010, p. 21-36.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna, SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos e RIPOLL, Daniela. Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 1- 22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623689212>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.